

Adolescentes, quando chegam ao hospital, não admitem uso de cigarro eletrônico, revela estudo brasileiro

C revistacrescer.globo.com/pre-adolescentes/saude/noticia/2024/12/adolescentes-quando-chegam-ao-hospital-nao-admitem-uso-de-cigarro-eletronico-revela-estudo-brasileiro.ghtml

Crescer

O uso dos cigarros eletrônicos — também conhecidos como vapes e pods —, dispositivos que contêm nicotina, propilenoglicol, glicerina, acetato de vitamina E e outros aditivos, pode interferir nas funções pulmonares e levar a danos respiratórios, como a disfunção alveolar e inflamação maciça. Um trabalho conduzido por especialistas do Sabin Diagnóstico e Saúde, apresentado no Congresso Brasileiro de Radiologia, detectou aspectos radiológicos desta condição nos exames de tórax dos usuários.

A radiologista Carolina Neves Luis Ronan Souza, do Sabin, que integrou o estudo em parceria com a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, explica que o cigarro eletrônico se desviou do propósito original de ser uma alternativa menos nociva ao tabagismo convencional, reduzindo doenças associadas. “Pelo contrário, essa nova modalidade do ato de fumar gerou um crescimento exponencial de usuários de nicotina pelo mundo, especialmente entre jovens e adolescentes”, alerta.



Cigarro eletrônico — Foto: Freepik

A doença pulmonar grave associada ao uso desses dispositivos ganhou destaque em 2019, quando uma onda de 2.800 casos de lesões pulmonares severas foi identificada nos Estados Unidos. Desde então, milhares de casos foram relatados, com ampla distribuição geográfica. Além da nicotina e dos aditivos, certos líquidos para vaping contém metais pesados, como chumbo e níquel.

As manifestações clínicas da EVALI (sigla para E-cigarette or Vaping product use-Associated Lung Injury) incluem sintomas respiratórios como tosse, dor torácica e dispneia. Já entre os aspectos gastrointestinais, estão náuseas, vômitos e dor abdominal, além dos sistêmicos febre, calafrios e perda ponderal. Segundo a radiologista, pela sua gravidade, essas lesões pulmonares frequentemente resultam em hospitalizações prolongadas e, em alguns casos, em óbito.

Diagnóstico

A tomografia computadorizada é o método de imagem com melhor capacidade para detectar esse tipo de lesão. No entanto, conforme o estudo, considerando a pluralidade de apresentações desta condição, é fundamental detalhar a história clínica e questionar o uso de cigarros eletrônicos na avaliação de pacientes com quadros respiratórios, sobretudo na população de adolescentes e jovens. No entanto, o comportamento de negação dos pacientes é um dos principais desafios enfrentados para o cuidado médico.

Um grupo considerável de pessoas não considera o poder de um cigarro e, por sua vez, não se autodeclara fumante. “Radiologia é uma especialidade que tem a ver muito com o histórico e o estado do paciente. Sem isso, não adiantará o radiologista laudar um exame de tórax”, contesta Carolina Neto. Segundo ela, as situações e faixas etárias são as mais diversas: “Há adolescentes, por exemplo, em que a família desconhece o uso, mas que apresentam quadros preocupantes”, alerta a coordenadora da pesquisa qualitativa.

Legislação contra o cigarro eletrônico

Desde 2009, é proibida a comercialização de cigarro eletrônico no Brasil e, neste ano, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) renovou a proibição. Quem for pego comercializando os dispositivos pode responder pelo crime de contrabando, mesmo que não tenha sido o importador. Porém, apesar da legislação, pesquisa da Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (IPEC), aponta que o número de pessoas que usavam cigarro eletrônico quadruplicou no Brasil entre 2018 e 2022. Saiu de 500 mil para 2,2 milhões de usuários.